

## GRUPO E EMPATIA



Afonso H. Lisboa da Fonseca

*Resumo:*

*Discutem-se neste artigo certos aspectos característicos do funcionamento grupal segundo o modelo de facilitação da ACP. Em particular, aspectos das relações do colectivo grupal com participantes individuais, que são profundamente marcados por um sentido empaticamente compreensivo e múltiplo. Comenta-se que de uma forma característica estes modos de funcionamento se configuram como uma articulação da intervenção de uma multiplicidade de participantes polarizada pela expressão da actualidade vivencial de um participante individual. Entendemos ser esta uma característica básica dos grupos facilitados segundo o modelo de facilitação da Abordagem Centrada na Pessoa - ACP.*

*Palavras-Chave: Grupo, empatia, empatia grupal, auto-regulação, ACP.*

*Abstract*

*In this article we discuss some aspects of the group process of groups facilitated accordingly the model of facilitation of the PCA. Particularly aspects of the relationship of the group as a collective with individual participants which are deeply marked by a multiple comprehensive empathic meaning. We comment that these grupal ways of functioning are configurated as the articulation of the intervention of a multiplicity of participants polarized by the expression of the actual experience of an individual participant. We understand that this is a basic characteristic of groups facilitated accordingly the group facilitation model of the PCA.*

*Key-Words: Group, empathy, group empathy, self-regulation, PCA.*

A ênfase na *relação empática*, a nível teórico, filosófico e técnico, é um dos aspectos fundamentais e característicos da Abordagem Centrada na Pessoa; e, efectivamente, um dos seus mais profícuos factores. Se hoje em dia se considera e valoriza a importância da empatia em qualquer abordagem de psicologia e de psicoterapia, devemos-lo em grande parte a Carl Rogers por se ter situado firme, longa e decididamente na perspectiva da valorização desta modalidade da relação no âmbito do trabalho psicológico e psicoterapêutico.

***Uma das mais interessantes contribuições da Abordagem Centrada na Pessoa é exactamente o ter criado um modelo de trabalho com grupos que se centra essencialmente no que podemos entender como o desenvolvimento de um “grupo empático”.***

Quando pensamos a atitude e a relação empática, pensamos-las sempre no âmbito da relação diádica interindividual. No entanto, uma das mais interessantes contribuições da Abordagem Centrada na Pessoa é exactamente o ter criado um modelo de trabalho com grupos que se centra essencialmente no que podemos entender como o desenvolvimento de um “grupo empático”, como a efectivação de uma *empatia grupal*: o desenvolvimento e efectivação de um grupo, de um processo grupal, que na sua dinâmica, multiplicidade, fluxos e intensidades possa, em sintonia, manifestar-se como múltipla e diversificadamente empático na relação com os seus membros particulares e individuais.

Desta forma, é assim interessante observar que a prática e experiência do trabalho grupal no âmbito da Abordagem Centrada na Pessoa parece autorizar-nos a pensar a empatia, a atitude e a relação empáticas, como uma possibilidade a ser manifestada e latente, não apenas na relação inter-individual, na relação diádica, mas também e especificamente como uma

manifestação e característica possível e latente ***do processo grupal***, nas suas relações específicas com o(s) participante(s) individual(is) do grupo. Acho, assim, que podemos pensar as possibilidades de um grupo empático, ou não empático. A possibilidade de uma empatia especificamente *grupal*. Ainda que possamos estar a falar por analogia, e que possamos reconsiderar os termos na designação dos processos de que falamos.

Na prática, esta ideia não será certamente estranha para facilitadores que trabalham com posturas e com processos grupais que respeitem e considerem positivamente as pessoas e a sua espontaneidade, que respeitem a espontaneidade do desdobramento da actualidade do processo grupal. Facilitadores que efectivamente se interessem, acreditem, respeitem, e assim efectivamente facilitem a actualização das *dinâmicas de auto-regulação* que sinergicamente operam tanto ao nível das organizações/desorganizações das pessoas, como ao nível dos processos grupais. Porque podemos entender, acredito, e este é um aspecto fundamental, que a *empatia grupal* tem como condição e decorre fundamentalmente da efectivação destas dinâmicas de auto-regulação ao nível do processo grupal. (Temos aqui um outro tema, que, a exemplo da ideia de uma *empatia grupal*, não está devidamente tematizado, debatido ou conceptualizado, ainda que amplamente pressuposto: a ideia de uma *auto-regulação grupal*. Sabemos que, desde os trabalhos de Kurt

***Processo grupal, que na sua dinâmica, multiplicidade, fluxos e intensidades possa, em sintonia, manifestar-se como múltipla e diversificadamente empático na relação com os seus membros particulares e individuais.***

Goldstein, se fala muito deste conceito no sentido da auto-regulação das pessoas individualmente. Mas esta é uma outra questão).

Esta trata-se, efectivamente, da ideia de uma *em-*

*patia grupal*, como podemos ver, de uma variação na concepção tradicional de empatia. Como observamos, a empatia é entendida, tradicional e normalmente, na perspectiva da relação diádica interindividual. O que indicamos aqui, todavia, é que estamos acostumados, na prática, a vivenciar uma *forma*, ou uma *modalidade*, de *funcionamento grupal* que pode, nas suas melhores expressões, ser licitamente entendida como um *funcionamento grupal empático*, sendo a concepção, prática e desenvolvimento das condições *deste funcionamento* uma das contribuições mais interessantes da Abordagem Centrada na Pessoa, ainda que, curiosamente, não tematizada específica e adequadamente pela sua teorização.

Esta lacuna, como outras, na teorização da Abordagem Centrada na Pessoa parece dever-se, de facto, à referência sempre e predominantemente individualista da teoria da Abordagem, ainda bastante forte. Referência esta que entra em conflito com uma valorização igualmente significativa do funcionamento colectivo grupal desenvolvida nas suas fases mais recentes. Parece ainda repercutir aqui o velho conflito entre elementarismo psicológico e configuracionismo, representados cada um deles pelas perspectivas respectivas das concepções de Wundt, por um lado, e, por outro, pelas concepções de Brentano, Stumpf e Husserl, que desaguaram na Fenomenologia e na Psicologia da Gestalt e, posteriormente, na Psicologia Humanista.

Por outro lado, esta insuficiência na teorização, em particular pós-Rogers, parece dever-se aos conflitos entre uma mentalidade especificamente fenomenológico-existencial e as posturas pragmático-empiristas no âmbito da Cultura Norte-Americana. Conflito este aparentemente responsável por uma paralisia no desenvolvimento conceptual e teórico da Abordagem, a partir dos seus fundamentos fenomenológico-existenciais, e da radicalização deles na prática da Abordagem, característica dos anos sessenta e setenta. Apesar de tudo, acredito que tudo converge

fortemente, no último modelo de trabalho com grupos da Abordagem Centrada na Pessoa, para o desenvolvimento das condições e prática da vivência de um grupo efectivamente empático.

Da mesma forma que não inventou o funcionamento grupal decorrente do seu modelo de trabalho com grupos - dedicando-se apenas a favorecer, privilegiar e enfatizar certas possibilidades da socialidade humana -, o trabalho e a teorização da Abordagem Centrada na Pessoa não criou a empatia grupal, o grupo empático. A empatia grupal é, também, uma possibilidade, uma potencialidade natural dos grupos e da socialidade humanos. Possibilidade esta favorecida, privilegiada, enfatizada e potencializada pelas características da prática do modelo de trabalho com grupos da Abordagem Centrada na Pessoa. Favorecimento, privilegiamento e ênfase estes elaborados e modelados a partir da intuição e da experimentação dos seus praticantes, na prática da facilitação de grupos, depois do desenvolvimento das suas concepções relativas ao trabalho psicológico e psicoterapêutico interindividual.

Ainda que frequentemente apenas implícito, parece ser assim claro que o funcionamento organicamente empático do grupo é uma das características, um objectivo prático e um dos valores fundamentais do modelo de trabalho com grupos da Abordagem Centrada na Pessoa.

Evidentemente que há, assim, concepções, princípios, valores, atitudes e práticas dos facilitadores e dos participantes que potencializam e condicionam o desenvolvimento e organicidade efectivos da empatia grupal.

Existiria um “*Grupo não empático*”?

Existe, e nós podemos conhecê-lo com facilidade, em várias das suas possibilidades de funcionamento, na prática dos trabalhos com grupos.

Por exemplo, no limite, o funcionamento grupal no qual predominam como tendência a insegurança e a hostilidade. O grupo no qual, predominantemente,

o participante individual se sente inseguro, temeroso e ameaçado. O grupo no qual o participante que se arrisca a expor-se é recebido predominante e regularmente pelo grupo, e pelos participantes que a ele respondem, com hostil ou inepta indiferença, incompreensão ou pura e simples hostilidade, grosseria ou violência, ainda que pré-verbais ou silenciosamente atitudinais. O funcionamento grupal no qual o facilitador, a partir do seu locus de poder, não se apoia nos seus princípios e não concretiza no seu desempenho uma valorização incondicional das pessoas na sua singularidade fenomenal em devir, e uma valorização da expressividade pontual da sua actualidade existencial. O funcionamento grupal em que o facilitador não respeita a afirmação e o desdobramento fluido da actualidade pontual do encontro grupal, como articulação múltipla do encontro das actualidades existenciais dos participantes.

Todos estes são traços de um funcionamento grupal antagónico ao que podemos entender como um funcionamento grupal empático. Um denominador comum de todos estes traços é uma descrença e desrespeito, sincero ou astucioso, dos facilitadores para com as dinâmicas de auto-regulação das pessoas e do grupo. Um desrespeito pela singularidade das pessoas e pela sua expressividade na constituição e desdobramento da configuração da singularidade do encontro grupal. A unificação e a padronização, ainda que dissimuladas, substituem a articulação e o desdobramento do múltiplo espontâneo na constituição e desdobramento do processo grupal.

Sabemos que neste tipo de funcionamento grupal predominam as tendências mais “fortes”, ou melhor, as mais *rígidas* e adaptativas; que favorecem à funcionalidade, as mais adaptadas e menos criativas. As tendências reactivas e nihilistas.

O domínio destas tendências caracteriza o domínio do *ressentimento* de que se fala na filosofia nietzscheana, e leva à criação, no limite, de um ambiente social caracteristicamente “tóxico”, profunda-

mente marcado pelo *azedume* e pela *vingatividade* contra a actividade, contra a potência e criatividade, contra a vida e o vivido. Características que são próprias do ressentimento, como acumulação das forças reactivas do nihilismo.

É o domínio destes processos característicos do ressentimento que responde pelo clima de hostilidade e de insegurança que se instala neste tipo de funcionamento grupal.

Nestas modalidades de funcionamento, os participantes individuais sentem-se predominantemente intimidados e defensivos, em função das reacções hostis a, e das consequências de, suas experiências e experimentações com este tipo de clima grupal. Ou o que vêem ou sentem com as consequências das experiências dos outros. A actualização de uma atitude existencialmente experimental é sistematicamente agredida e punida, de formas as mais subtis ou explícitas. Quer por facilitadores (na verdade *dificultadores*), quer por participantes com eles alinhados. Da mesma forma que é regularmente agredida e punida a expressividade da originalidade, da criatividade, da potência.

Desde os seus primórdios, o processo grupal envereda por canais estreitamente limitantes e estruturantes, unificantes e padronizantes, ainda que frequentemente dissimulados. O grupo tende a uma rigidez progressivamente intoxicante, que tende a torná-lo progressivamente inviável para a vivência e expressividade da originalidade, criatividade e potência do participante individual; frequentemente vulnerável e inseguro nessas condições. Predominam a arrogância, a hostilidade e a hostilização defensivas... a impotência e a frustração. Mais importante ainda, estão paralisados e inviabilizados os mecanismos de equilíbrio e auto-regulação do grupo, que dependem da explicitação dinâmica da sua multiplicidade e diversidade, e do dinâmico e criativo fluxo de interacções destas. O grupo torna-se não apenas progressivamente tóxico, mas progressivamente perigoso para

os seus próprios participantes.

Conhecemos na prática, não raro, esta modalidade de funcionamento grupal. Ele nada tem a ver, como dissemos, com o que podemos chamar de um grupo empático. É na verdade, e mais propriamente, um grupo “*anti-pático*”, da mesma forma que nada tem a ver com a operacionalização da originalidade da proposta do modelo de trabalho com grupos da Abordagem Centrada na Pessoa. Para quem está familiarizado com a prática e com os fundamentos deste modelo, salta evidentemente aos olhos a falta de ingredientes fundamentais para o funcionamento de um bom processo grupal.

O que seria um *grupo empático*?

Tentamos aqui esboçar alguns traços. O tema não obstante merece trabalhos específicos. A operacionalização do funcionamento empático do grupo decorre, em grande parte, e fundamentalmente, mas não só, da operacionalização de certos valores, concepções e atitudes fenomenológico-existenciais do facilitador, a partir do seu locus de poder. Elementos filosóficos, conceptuais e atitudinais integrados e desenvolvidos pelo modelo de trabalho com grupos da Abordagem Centrada na Pessoa.\*

É fundamental entender que estes valores, concepções e atitudes fenomenológico-existenciais do facilitador - valores, concepções e atitudes naturais humanos, e não exactamente técnicos - são condições *sine qua non* do desenvolvimento do funcionamento empático do grupo. De entre estes, é importante ressaltar: uma apreciação, interesse e respeito incondicionais pelas pessoas individuais na sua singularidade, pela vivência e expressividade idiossincrática e eventual da sua actualidade existencial. Um respeito pelo desdobramento espontâneo da actualidade grupal como encontro espontâneo das actualidades existen-

ciais dos seus participantes, na(s) sua(s) múltipla(s) configuração(ões) e expressão(ões). Um respeito pela presença, actualização, expressividade e articulação da multiplicidade espontânea de dimensões e de níveis que se configuram em devir como o encontro grupal e o seu desdobramento. Uma confiança lúcida e profunda na sabedoria orgânica das pessoas e do grupo, nas dinâmicas dos seus processos naturais de auto-regulação.

O que chama a atenção, de imediato, no funcionamento empático do grupo é que ele é *sui generis* e atípico em relação aos padrões de funcionamento grupal da normalidade quotidiana. Algo que é muito evidente é a actualização intensa, contínua e progressiva da multiplicidade simultânea de dimensões pessoais, interpessoais, sub-grupais, inter-grupais, grupais, presentes na actualidade da configuração grupal..., uma intensa proliferação contínua, rítmica e caleidoscópica da multiplicidade que se constitui a níveis diversos e, com frequência, simultâneos e dinamicamente articulados. Esta actualização da multiplicidade naturalmente presente nas diversas dimensões e níveis simultâneos do grupo, e das pessoas, é condição e substrato de efectivação dos seus processos de auto-regulação, da sua saúde. Dos quais decorre a possibilidade de um funcionamento empático do grupo. Dinamicamente actualizada, esta multiplicidade pode configurar-se como um fundo vivo que é, por um lado, continente para as intensidades e peculiaridades do vivido singular de cada pessoa no âmbito do encontro grupal, ao mesmo tempo em que dispõe elementos múltiplos na experiência presente e viva de cada participante e dos seus colectivos, hábeis estes para responder e interagir em sintonia com a particularidade dos momentos vividos pelos outros participantes individuais na variedade das peculiaridades, dimensões e possibilidades da actualidade da sua experiência no contexto da realidade grupal.

\* Não me deterei na descrição deste modelo, uma vez que me interessa fazer aqui, mais especificamente, algo da descrição do funcionamento empático do grupo. O leitor interessado pode encontrar algo da descrição do modelo actual de trabalho com grupos da ACP, de entre outros trabalhos, em ROGERS, C.R. - **GRUPOS DE ENCONTRO**, São Paulo, Martins Fontes, ROGERS, C.R., e outros - **EM BUSCA DE VIDA. Da Terapia Centrada no Cliente à Abordagem Centrada na Pessoa**. São Paulo, Summus Editorial, 1983. Ou em FONSECA, Afonso H.L. - **GRUPO. FUGACIDADE, RITMO E FORMA. Processo de Grupo e Facilitação na Psicologia Humanista**. São Paulo, Summus Editorial, 1988

Nunca é demais enfatizar o fluido e contínuo carácter processual da dinâmica espontânea da articulação desta multiplicidade. Como a vida na sua espontaneidade processual, o grupo é, nesta perspectiva, um rio que corre mais ou menos interessada e excitadamente contra os seus limites. A articulação colectiva do grupo é e configura-se e reconfigura-se continuamente como organicamente esgarçada pelas emergências e expressividade das intensidades fragmentárias de processos sub-grupais e de processos individuais. Emergências e expressividade que se constituem como figuras mais ou menos intensas, em diversificadas escalas no âmbito do processo grupal, para, em seguida, se retraírem no fundo deste processo.

Chamam a atenção, igualmente, os aspectos relativos especificamente ao fluxo das intensidades do vivido pessoal, interpessoal e colectivo. As intensidades são como que a expressão da matéria prima do grupo. De modo que normalmente o grupo não é e não pode ser um grupo “mono-tono”. É na verdade um fluxo de expressividade de intensidades diversificadas, e em diferentes escalas, da presença das pessoas, dos subgrupos e do grupo enquanto colectivo vivo.

A metáfora da orquestra, abundantemente utilizada por John Wood, é bem própria. Como no desempenho da orquestra, o grupo é vivência, e orquestração, da vivência e expressividade de intensidades várias, em níveis e escalas diversos. Intensidades que se engendram na duração do processo grupal, que nele se configuram e nele se expressam, nele se actualizam e fenecem: são as intensidades expressivas da vivência fenomenativa da singularidade única e efémera do colectivo grupal, da subjectividade dos subgrupos que nele se configuram, da vivência das pessoas individuais, de cada dimensão premente das questões das suas actualidades existenciais.

Na perspectiva da empatia, todo este processo não teria muita importância se não guardasse certas características peculiares em relação à pessoa individu-

al. Nestas condições é interessante observar a relação característica peculiar do processo e dos padrões grupais do grupo empático *com o participante individual*. É exactamente na intimidade das dinâmicas desta relação que residem as possibilidades de uma empatia grupal. São, por outro lado, os processos desta relação que permitem a actualização e a disponibilização, na pontualidade do encontro grupal, da multiplicidade das suas dimensões e dos seus níveis.

É característico, no âmbito deste processo do grupo que podemos chamar de empático, a pessoa individual, na sua actualidade e expressividade vividas, ser comumente aceite de um modo *extra-ordinário*. O grupo que operacionalize e actualize as características de um grupo fenomenativo-existencial *centrado na pessoa* guarda um singular, e frequentemente surpreendente, respeito pelas pessoas individuais. Em particular, no momento em que elas querem ou precisam expressar para o grupo algo de importância pessoal. É impressionante observar, por exemplo, como, com tantas possibilidades e latências, um grupo, não raro um grupo grande, pode “parar” e deter-se para escutar particularmente a uma única pessoa individual, dando-lhe o tempo de que necessita para articular e expressar a sua actualidade vivencial. É impressionante como um grupo, com todas as suas intensidades e possibilidades latentes, pode esperar naturalmente a comunicação de uma pessoa que tem dificuldades em fazê-lo e precisa de “um tempo” para poder “organizar-se” para falar ou expressar-se de qualquer outra forma. Não é raro podermos ver grupos de duzentas ou mais pessoas comportarem-se desta forma. Não é raro podermos ver grupos de duzentas ou mais pessoas comportarem-se desta forma. Um bom grupo tende a esperar normal e naturalmente, como parte legítima do seu processo, e dar efectivamente o tempo de que a pessoa precisa, como uma atitude inquestionável.

Mais do que isto, a pessoa individual pode encontrar, de um modo singular, na multiplicidade e configuração de intensidades que se disponibilizam

no desdobramento do processo e da realidade grupal e das pessoas na sua vivência pessoal e colectiva, ressonâncias, polaridades, confrontações, respostas particulares e específicas, simetrias, assimetrias, às perspectivas de questões prementes da sua própria actualidade existencial emergente na realidade grupal. Uma gama e variedade muito interessante de respostas latentes, possíveis e efectivas. É igualmente impressionante a variedade em sintonia, a subtilidade, a subtil sintonia e/ou polarização, a riqueza das respostas do colectivo e dos participantes do grupo à expressividade da actualidade vivida por uma pessoa no contexto da vivência grupal.

As múltiplas perspectivas existenciais presentes, e imediatamente activadas no grupo - como actualidade existencial vívidamente vivida do colectivo grupal, dos seus subgrupos, das pessoas particulares -, as múltiplas e subtis articulações dinâmicas destas perspectivas, oferecem a possibilidade de uma variedade de respostas, de interacção e de presença dialógica, na relação com a vivência e expressividade da vivência, da actualidade de cada participante individual, que é de uma riqueza e subtilidade efectivamente raras e que são tão comuns na efémera duração da realidade do processo grupal.

Assim, um dos aspectos mais interessantes a considerar é a experiência da pessoa individual ao sentir e viver as configurações de respostas à expressividade das questões da sua actualidade existencial no contexto da realidade grupal. Respostas que podem emergir de participantes individuais, ou configurarem-se colectivamente a partir da expressividade responsiva de uma multiplicidade de participantes. Respostas frequentemente em sintonia de um modo incomum, na sua particularidade, subtilidade, ou múltipla articulação pontual, em relação a aspectos distintos da actualidade existencial do participante que se expressa. São respostas que brotam das ressonâncias existenciais vivas e vividas que a própria presença e expressividade da pessoa engendram efectivamente nos demais com quem ela pontualmente interage num momento

da vivência grupal.

Estamos assim diante de um modo de interacção grupal com as pessoas individuais que podemos entender como caracteristicamente empático, e que se distingue especificamente das concepções tradicionais da empatia pela sua singular natureza colectiva de relação de um grupo, ou sub-sistema grupal, com uma pessoa particular. De maneira que colectivamente e/ou através da participação dos seus membros individuais, o grupo pode responder e interagir com os seus participantes de um modo singularmente empático e singularmente rico. O que nos oferece toda uma nova possibilidade de reflectir sobre a concepção e a prática da empatia neste contexto grupal particular, e de reflectir sobre certos aspectos da própria concepção do grupo, do seu processo e do processo da sua facilitação.

Finalizando, é útil considerar, que o grupo não é apenas *funcionamento empático*, naturalmente. São várias as possibilidades do seu funcionamento produtivo. Mas este funcionamento empático *grupal* parece ser uma característica definidora e imprescindível do modelo de trabalho com grupos da Abordagem Centrada na Pessoa.

#### Referências Bibliográficas:

- Goldstein, Kurt (1995) – *The organism*. New York: Zone Books.
- Rogers, Carl (1961) – *On Becoming a Person*. New York: Houghton Mifflin.
- Rogers, Carl, Kinget, G.Marian, (1975) – *Psicoterapia e Relações Humanas*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Rogers, Carl; Wood, John .K.; O'Hara, Maureen M.; Fonseca, Afonso H.L. (1983) – *Em Busca de Vida. Da Terapia Centrada no Cliente à Abordagem Centrada na Pessoa*. São Paulo: Summus Editorial.
- Schultz, Duane P.; Schultz, Sydney, E. (1981) – *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cultrix.
- Wood, John (1983) *O Grupo Centrado na Pessoa*. in Rogers, C.R.; Wood, John; O'Hara, Maureen M.; Fonseca, Afonso H. – *Em Busca de Vida. Da Terapia centrada no cliente à Abordagem centrada na Pessoa*. São Paulo: Summus Editorial.